



Conversas com Norte

ALBERTO CASTRO, ALEXANDRE QUINTANILHA E JOSÉ LEITE PEREIRA MODERADOR

"O MÉRITO TEM DE SER RECOMPENSADO"

A Reforma do Estado e uma mudança de procedimentos para vencer a crise foi o mote da conversa que juntou Alberto Castro e Alexandre Quintanilha com o director do JN, José Leite Pereira

José Leite Pereira (JLP): Numa altura em que os políticos, mesmo em tempo de campanha eleitoral, não avançam com muitas propostas para a crise, propunha começarmos com duas ou três sugestões para a reforma do Estado...

Alberto Castro (AC): É claro, hoje, que um Estado mais eficaz e eficiente precisa de pessoas qualificadas, que tendem a ter uma remuneração adequada às suas qualificações. Um dos pilares para a Reforma do Estado é a revisão da política de remunerações, que contrarie uma demagogia populista, uma lógica igualitarista.

JLP: São resquícios daquele tempo em que "para trabalho igual, salário igual".

AC: O mérito tem de ser recompensado, o desempenho ter peso, porque se não tivermos uma máquina eficiente não é possível torná-la mais pequena nem pô-la ao serviço do público. O Estado é um elemento fundamental na dinamização da Economia e, se for muito burocrático, torna-se um entrave, quando devia ser facilitador. Lamento que, neste processo de cortes, se tenha parado com algumas experiências que estavam a ocorrer, de avaliação de serviços e de prémios para esses serviços.

Alexandre Quintanilha (AQ): Concordo, o mérito deve determinar, em parte, a compensação dada às pessoas. A questão fundamental é como se avalia o mérito. Avaliamos o mérito de um grande economista pela influência que ele tem sobre as políticas do Estado e depois sobre o crescimento produto interno bruto ou sobre o crescimento dos salários? Na questão do Ensino, por exemplo, o mérito académico ainda é, quase exclusi-

vamente, nas áreas científicas, medido pelo número de publicações, de citações, do impacto nas revistas. E a qualidade do ensino está a voltar à superfície.

JLP: Os professores poderão ser avaliados em função das notas dos alunos?

AQ: Acho que não. O problema é quais os critérios que se vão usar para avaliar a qualidade de um professor, por exemplo. Em geral, mede-se passado vinte ou trinta anos. Todos nos lembramos de, pelo menos, meia dúzia de professores que nos marcaram. E não foram todos, necessariamente, muito criativos intelectualmente, em termos de publicações, mas podiam ser pessoas que nos acarinham nas nossas paixões e que nos disseram o que eu agora digo aos miúdos: façam o que vos dá prazer, vos realiza; mais tarde, quando forem avaliados é por aquilo que fizeram com paixão. Estamos a falar nisto porque estamos numa crise e queremos saber o que fazer para a combater. De uma forma muito cândida, olho para a questão da crise e apercebo-me que tem muito menos a ver com o real do que com a percepção do real. Por exemplo, os EUA têm uma dívida muito superior à nossa. Mas os EUA têm crédito e nós não, por isso é que estamos nesta dificuldade. Estamos a pedir dinheiro emprestado e a pagá-lo cada vez mais caro. Será que se justifica nós não termos crédito e os EUA continuarem a ter?

AC: Voltando atrás, a avaliação deve ser feita conforme o que é pedido a cada pessoa, a cada organização. Não conseguimos reformar o Estado se não o dotarmos de pessoas qualificadas. E preocupa-me que a demagogia muitas vezes prevaleça. Se calhar, está-se a cortar mais porque se criou a

ideia de que a solidariedade passa por igualitarismo. Corta-se indiscriminadamente e, de repente, decapitamos o Estado. Quando se olha para os EUA diz-se "este é um país com capacidade para crescer". Quando olham para nós dizem: não é óbvio que este país tenha capacidade de crescer.

JLP: Vai de encontro ao que o professor Quintanilha dizia: tem muito a ver, também, com o que as pessoas pensam de nós e não com as nossas capacidades.

AC: Às vezes, quem está de fora, avalia melhor as nossas capacidades. Nós podemos ser um bocadinho basófilas...

AQ: Isso é verdade, mas também há situações em que as pessoas se enganaram de uma forma gravíssima. Nos EUA, por exemplo, a questão dos empréstimos para as casas, em que estavam convencidos que as pessoas iam pagar, levou ao princípio desta crise. Mesmo onde, possivelmente, há uma estrutura capaz de fazer essas avaliações, enganam-se, e de forma dramática!

AC: Isso levava-nos à discussão do subprime, que é uma questão mais complicada...

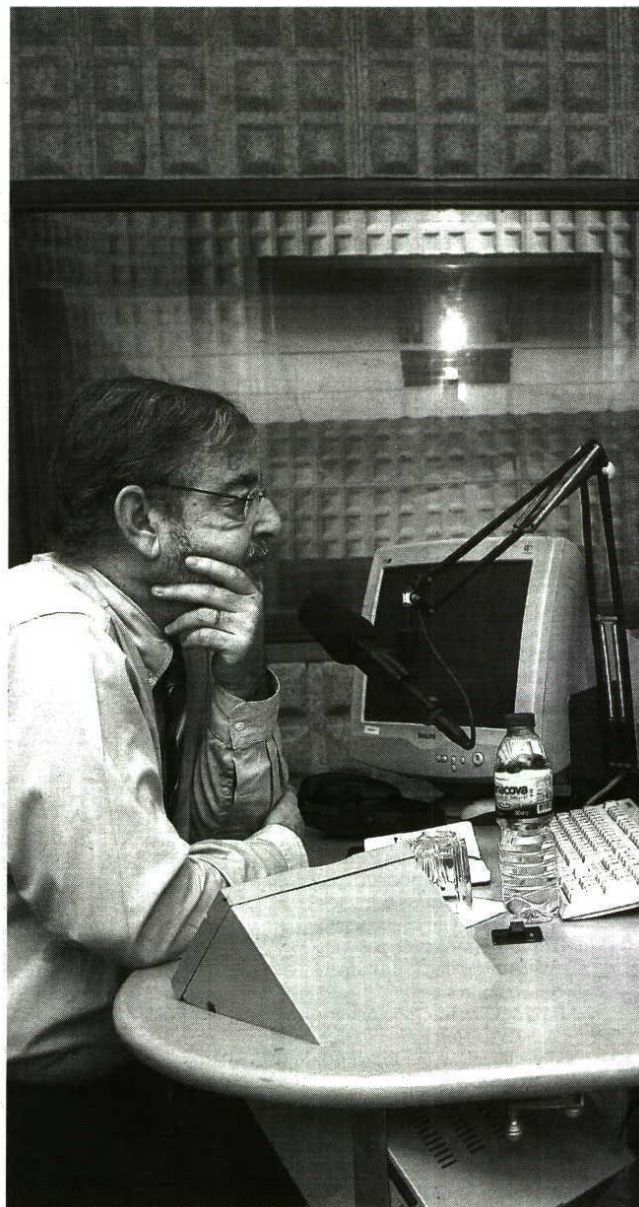
JLP: E que não foi propriamente um engano...

AC: Por isso é que a nossa prioridade tem que ser crescer. Como alguém diz, o novo nome da solidariedade é o crescimento. O desemprego é uma manifestação da nossa incapacidade de crescer.

JLP: O professor trabalha numa Universidade, lida com jovens, eles saem hoje mais qualificados?

AC: Muito mais qualificados. Independentemente de, com o processo de Bolonha, terem apenas uma formação de três anos. As pessoas hoje em dia têm uma formação muito melhor.

JLP: Isso dá-nos esperança de



José Leite Pereira (à esquerda) e Alexandre Quintanilha, nos estúdios da TSF no Porto.

que, passados alguns anos, as coisas mudem...

AC: Neste momento, temos que ser pragmáticos. E, no que diz respeito às pessoas mais novas, com mais qualificações, temos que criar condições para que ponham cá fora esse potencial. Isso implica gerir redes, aproveitar os contactos que têm. Ao mesmo tempo não podemos remeter para a solidariedade a massa de pessoas com qualificações mais baixas, cujo salário baixo poderá ser complementado pelo Estado;

no limite à moda dos EUA, com impostos negativos, isto é, as pessoas no fim do ano receberem um complemento de salário. Até porque está demonstrado que a inserção no mercado de trabalho -o emprego - é um elemento de auto-estima e de motivação.

AQ: Continua a haver um problema muito importante em Portugal, que vai levar várias gerações a ser alterado: a capacidade de iniciativa das pessoas. Estou rodeado de uma elite e vejo, com muito prazer, que isso está a acontecer, mas devagar. A prioridade seria, como professores, transmitirmos o valor da iniciativa individual. Portugal está numa fase de transição, nega uma história até certo ponto negativa, com a Inquisição, a ditadura, três ou quatro séculos em que estávamos à espera que alguém nos

"Um Estado mais eficaz e eficiente precisa de pessoas qualificadas"

JOSÉ MOTA / GLOBAL IMAGENS

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS



... e Alberto Castro nos de Lisboa



“O novo nome da solidariedade é o crescimento. O desemprego é uma manifestação da nossa incapacidade de crescer.”

Alberto Castro
ECONOMISTA E PROFESSOR
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA



“Olho para a questão da crise e apercebo-me que tem muito menos a ver com o real do que com a percepção do real.”

Alexandre Quintanilha
INVESTIGADOR

resolvesse os problemas. E uma alteração radical num país - como os EUA fizeram (mas têm 250 anos de história) - não se faz numa geração nem com um, dois ou três governos. E o problema é que, tal como o José Leite Pereira disse, não ouvimos dos candidatos ideias novas para alterar Portugal.

JLP: Chegamos ao ponto de não ouvir ideias, sequer...

AC: O problema é que o empreendedorismo, a criação, o estímulo da capacidade empresarial, passou a ser uma espécie de política do Estado e, à boa maneira portuguesa, atirou-se com dinheiro para cima do problema, subsidiou-se, temos prémios para empresários de todo o tipo. A certa altura, começamos a ter empresários de prémios que nunca fazem uma empresa. Enquanto que, no caso

americano, vemos as pessoas a tentar, a falhar a primeira vez, a segunda, e às vezes quanto mais falham mais estimulados acabam por ser. Temos que dar essa volta, isso está a ser feito lentamente. O meu medo é que depois apareça o paternalismo estatal que é o contrário do empreendedorismo.

JLP: Às vezes, a necessidade de resultados rápidos conduz a isso, também...

AC: Mas já se devia ter percebido que a ânsia de produzir resultados acaba por ser contraditória com os resultados finais. E aí estou de acordo com o Alexandre Quintanilha, há coisas muito interessantes a acontecer nas universidades (a Universidade do Porto tem um espaço de incubação que está a decorrer muito bem, a Católica tem outro), estão a aparecer

empresas, empresas muito internacionalizadas, que perceberam que é mais fácil, às vezes, encontrar mercados fora de Portugal. No outro dia, contava-me um promotor que tinha chegado à conclusão de que, porque era do Porto, era tratado por Lisboa como se fosse do resto da Europa e, por isso, começou a vender para Londres, Frankfurt, Oslo. Tem 70% do seu negócio feito fora de Portugal e tem crescido: em dois anos multiplicou por dez o número de pessoas que trabalham com ele.

“As pessoas hoje em dia têm uma formação muito melhor”

AQ: Isso é uma história de sucesso!

JLP: E há algumas histórias dessas felizmente aqui, mesmo aqui perto de nós...

AC: Aí, acho que o JN tem estado bem, tem dado espaço a histórias positivas, que precisam de ser ouvidas. Da mesma forma, o estímulo do Estado podia ser feito pela via fiscal, para fazer retornar a Portugal pessoas com qualificações. O Alexandre é um bom exemplo desse regresso. Fê-lo, provavelmente, porque havia uma pessoa que tinha uma visão - o Prof. Carvalho Guerra - que o trouxe para cá.

AQ: E não foi fácil... A questão, que não vai ser resolvida a curto e a médio prazo, é alterar a forma como nós estamos, nos países em que estamos. Felizmente, sou muito optimista e vejo, à minha volta, uma sé-

rie de jovens de várias classes etárias que estão a fazer isso. Como é que o estimulamos? Dando uma visibilidade cada vez maior. Em vez de falarmos só na crise, falarmos no que está a ser conseguido de forma positiva, para mostrar aos jovens que é possível. É um caminho. É trabalhar cada vez mais, com o objectivo de construir uma sociedade justa, solidária, mas com oportunidades para as pessoas se realizarem.

LUÍSA MOREIRA EDIÇÃO
lmoreira@jn.pt



OUVIR VERSÃO INTEGRAL
www.jn.pt/multimedia

Para a semana, os convidados das Conversas com Note são Carvalho da Silva e D. Manuel Clemente